

MAPEAMENTO HISTORIOGRÁFICO DA PRODUÇÃO LINGÜÍSTICA NOS 25 ANOS DO GEL

ÂNGELA MARIA RIBEIRO FRANÇA
LUCIANA GIMENEZ PARADA DOS SANTOS
OLGA FERREIRA COELHO
RITA DE CÁSSIA C. OLIVEIRA
VALÉRIA CRISTINA LEITE
MARIA CRISTINA F.S. ALTMAN
(USP)

ABSTRACT: This text outlines a map of the papers published at Estudos Lingüísticos. Anais dos Seminários do GEL (1978 -1992) from the viewpoint of the materials studied and of the main forms by which the linguistic knowledge was produced during this period.

KEY WORDS: GEL; Lingüística Brasileira; Historiografia da Lingüística Brasileira.

0. Introdução

O trabalho apresentado pelo *Grupo de Estudos em História/ Historiografia da Lingüística Brasileira* visou a um primeiro mapeamento abrangente da produção lingüística publicada nos *Estudos Lingüísticos. Anais de Seminários do GEL*. O problema que direcionou inicialmente nossa reflexão foi a questão da diversificação teórica e metodológica das chamadas ciências da linguagem. Interessava-nos saber, primeiramente, sob que formas se apresentou o conhecimento lingüístico no espaço criado pelo GEL e quais dentre elas ocuparam - e quais não ocuparam - o centro das atenções desta comunidade científica, neste período. Neste sentido, foram as comunicações de pesquisa que nos pareceram o material mais adequado para esta tarefa. Embora tenham sido publicadas somente a partir de 1978,¹ as comunicações de pesquisa constam como atividade regular dos Seminários desde 1974.

¹ O volume I dos Anais, de 1978, publica as atividades dos Seminários I (Araraquara) a XIX (Mogi das Cruzes).

De setembro de 1993 a maio de 1994, analisamos exaustivamente as 845 comunicações de pesquisas publicadas, do volume I (1978, Mogi das Cruzes) ao volume XXI/2 (1992, Jaú),² perfazendo um total de 9 249 páginas (V. Tabela I).

Para cada texto analisado, foram assinalados em fichas: as datas em que a comunicação foi proferida e/ou publicada, o número de páginas, autor(es) e instituição a que pertencia o(s) autor(es) no momento da publicação; a língua natural objeto da investigação e/ou a teoria objeto da reflexão; a forma lingüística predominantemente trabalhada pelo pesquisador (fonético/ fonológica, morfológica, sintática, textual) e o tipo de orientação que o pesquisador imprimiu ao trabalho. Neste caso, previmos: orientação tipo *gramatical*, se o autor objetivou à análise da gramática, ou de parte da gramática de uma língua natural, entendida aqui como a análise de uma língua do ponto de vista das suas relações estruturais, internas; orientação para o *uso/variação*, quando o autor objetivou o estudo do uso e/ou variação das formas lingüísticas; (*meta*)*teórica*, nos casos em que os trabalhos foram orientados para a discussão de teorias lingüísticas e/ou de aspectos de teorias lingüísticas; *histórica*, se se imprimiu uma orientação histórica ao estudo das formas da língua natural e/ou à reflexão teórica e, finalmente, *aplicada*, no caso de trabalhos que trataram de questões lingüístico-pedagógicas ou tradutológicas (cf. Altman, 1994). O texto que se segue resume este primeiro balanço que efetuamos sobre a produção lingüística veiculada durante os primeiros 25 anos de existência do GEL, do ponto de vista do tipo de enfoque que os pesquisadores imprimiram à sua investigação e do ponto de vista das formas lingüísticas por eles privilegiadas em suas análises.

Tabela I. Síntese do Material Analisado. Estudos Lingüísticos. Anais de Seminários do GEL (1978-1992).

VOL.	Nº	ANO	pp.	Local
-	I	1978	1-236	Mogi Das Cruzes (UMC)
-	II	1978	1-225	Bauru (FAFIL)
-	III	1980	1-329	Araraquara (UNESP)
-	IV	1981	1-346	Araraquara (UNESP)
-	V	1981	1-199	São Paulo (PUC-SP)
-	VI	1982	1-281	Campinas (PUC-CAMP)
-	VII	1983	1-277	São Paulo (FAPESP)
-	VIII	1984	1-302	Assis (UNESP)
-	IX	1984	1-234	Batatais (FFCL José Olympio)
-	X	1985	1-172	Bauru (FAFIL)
-	XI	1985	1-414	São José do Rio Preto (UNESP)
-	XII	1985	1-376	Lins (FFCL Auxilium)

² É preciso lembrar que este número (845) é provavelmente menor do que as comunicações efetivamente proferidas, já que nem todas foram entregues para publicação. Para efeito de estabelecimento do nosso material consideramos, entretanto, somente as publicadas.

-	XIII	1986	1-366	Araraquara (UNESP)
-	XIV	1987	1-468	Campinas (UNICAMP)
-	XV	1987	1-471	Santos (UNISANTOS)
-	XVI	1988	1-329	Taubaté (UNITAU)
-	XVII	1989	1-639	São Paulo (USP)
-	XVIII	1989	1-719	Lorena (FATEA)
-	XIX	1990	1-656	Bauri (UNESP)
-	XX	1991	1-859	Franca (UNIFRAN)
1	XXI	1992	1-705	Jaú (FE Dr. Raul Bauab)
2	XXI	1992	706-1352	Jaú (FE Dr. Raul Bauab)
Totais	22	-	9 249 pp.	-

Dentre as 845 comunicações publicadas nos *Anais*, no período 1978-1992, identificamos 237 trabalhos teóricos (28,04% do total); 550 trabalhos com análise de dados de uma língua natural (65,08% do total), 9 (1%), que trataram de outros objetos como signos visuais, icônicos, arquitetônicos, e 49 trabalhos predominantemente de análise/crítica literária (5,7% do total). Por entender que a análise semiológica e semiótica de signos não-verbais se originou crono/ logicamente dos modelos de análise do signo verbal, optamos por manter como nosso material os trabalhos que trataram destes objetos. Quanto aos trabalhos de análise e crítica literária, optamos por excluí-los do nosso material já que, por decorrem de outras tradições, obedeceram a outros conjuntos de parâmetros que não os que previmos. A análise e comentários dos resultados que se seguem se referem, portanto, a um conjunto de 796 comunicações de pesquisa.

1. As formas preferencias de análise

Partindo da hipótese que o tipo de recorte efetuado sobre o material de análise pudesse nos dar algumas pistas para o que foi considerado relevante em termos de análise lingüística para a comunidade que frequentou o GEL, procedemos primeiramente à avaliação desta produção quanto aos recortes preferenciais que os pesquisadores efetuaram sobre seu objeto.

Do ponto de vista das formas de análise privilegiadas pelas comunicações do período, a primeira coisa que observamos foi o interesse extremamente diversificado dos lingüistas que participaram do GEL do ponto de vista do recorte extensional operado sobre o objeto. Se considerarmos as datas em que as comunicações foram apresentadas, os trabalhos que privilegiaram a dimensão fonético/fonológica da análise lingüística começaram a aparecer, em nossa amostra, em 1974. No primeiro período

que definimos³, (1974-1979), a média de pesquisas neste recorte foi de 1,7 trabalhos/ano. No segundo (1980-1985) e terceiro (1986-1992) períodos, esta média foi de 7,3 e 8,2 trabalhos/ano, respectivamente. Este crescimento, entretanto, é aparente. No seu conjunto, a pesquisa em Fonética e Fonologia representou apenas 8,5% do total dos trabalhos publicados.

Data de 1976 os primeiros trabalhos em Morfologia. Apesar de também apresentar crescimento em seus números absolutos, 2,83; 6,16 e 10,16 trabalhos/ano para os três períodos que definimos, em termos comparativos, não se pode igualmente dizer que a comunidade de lingüistas que freqüentou o GEL, no seu conjunto, tenha dado destaque aos problemas da Morfologia. Em termos proporcionais, a produção em Morfologia decresceu a partir do início da década de oitenta. Este trabalhos representaram 14,4 % do total da nossa amostra.

Quanto ao Léxico, observamos que o interesse pelo seu estudo cresceu consideravelmente a partir do período 1980-1985. Com a média de apenas um trabalho/ano no período anterior, a freqüência de trabalhos em análise lexical atingiu a média de 5,6 e 12,0 trabalhos/ano, respectivamente, nos dois períodos seguintes. Parte deste aumento de interesse se explica na medida em que, a partir de meados dos anos oitenta, o léxico se mostrou um importante recorte para certos problemas relativos à análise transfrástica e textual. O estudo do léxico representou 14,1% do total.

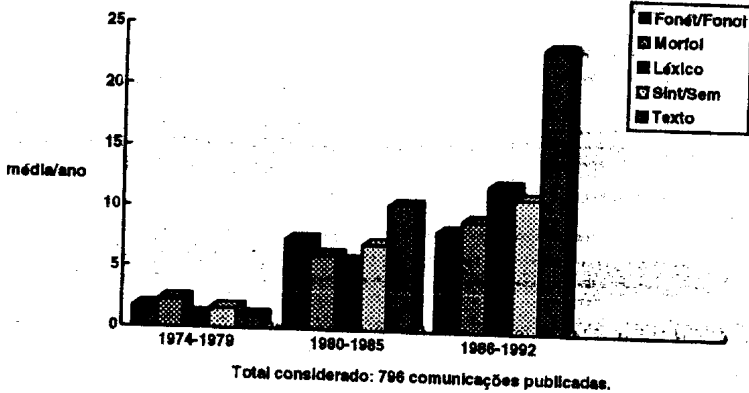
Os primeiros trabalhos em Sintaxe e/ou Sintaxe-Semântica datam de 1977, mas é no último período que se concentraram mais da metade das publicações com este recorte, o que sugere um interesse emergente, renovado, ainda que não dominante, pela análise da combinatória sintagmática da sentença. Calculamos, neste caso, as médias de 1,6, 17 e 11 trabalhos/ano com os recortes sintático/semântico para os três períodos considerados, o que equivale a 14,5% do total das comunicações examinadas. Embora tenhamos observado aqui o mesmo movimento que parece ter se dado com a análise do léxico, no sentido de se ultrapassar os limites frásticos e atingir as estruturas extensionalmente maiores dos parágrafos, textos e intertextos, é importante, talvez, salientar que 60% da produção neste recorte se ateve à unidade de análise tradicionalmente esperada, ou seja, a maioria dos pesquisadores procurou trabalhar as relações semântico-sintáticas como um nível autônomo de análise, cuja unidade canônica de manifestação é a *sentença* (ou *frase*, ou *enunciado*, conforme o quadro teórico adotado).

É para a análise do texto que, de forma dominante, se dirigiu a produção do GEL. 160 trabalhos (26 % do total) elegeram a dimensão além-sentença como sua unidade preferencial de análise, principalmente, a partir da última década. A média de trabalhos que, no primeiro período foi de um por ano, passou a 10,3 trabalhos/ano no segundo período e, no último, saltou para 23,3 trabalhos em média, por ano.

³ A periodização aqui estabelecida é arbitrária, visa apenas à definição e um quadro de trabalho e a uma ilustração compreensível dos dados. Um estudo da periodização da produção lingüística brasileira ainda está por ser feito.

Gráfico I

Distribuição da média de comunicações de pesquisa/ano publicadas nos Anais do GEL (1970-1992), pelo tipo de recorte.



2. A análise das línguas naturais

No que diz respeito aos 550 trabalhos com dados de línguas naturais, a língua privilegiada de análise foi o Português do Brasil (83,1% deste sub-total). No extremo oposto estão os trabalhos sobre dados das Línguas Indígenas (4,2% deste sub-total). Os trabalhos restantes se referem à análise de outras línguas estrangeiras (6,2%) ou à análises contrastivas do Português com outras línguas (6,5%).

Os trabalhos sobre Línguas Indígenas⁴ apresentados no GEL foram orientados para a análise gramatical, principalmente aos níveis fonético/fonológico (52,2% dos trabalhos em línguas indígenas) e morfológico (30,4%). O modo preferencial de obtenção de dados foi o trabalho de campo, embora os dados dos artigos que examinamos tenham sido dados “de segunda mão”, isto é colhidos em outra ocasião. A produção em lingüística indígena no contexto do GEL, pequena em comparação com os estudos feitos sobre outras línguas, refletiu a posição mais geral que este estudo tem ocupado na produção lingüística brasileira. Até o início dos anos 90, pelo menos, o trabalho de coleta e descrição de material lingüístico indígena não teve, de modo geral, lugar de destaque nas reflexões do lingüista brasileiro.

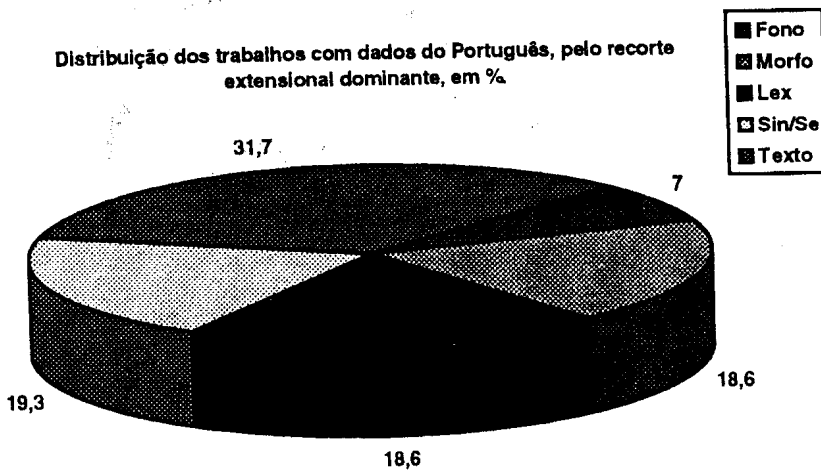
Mais do que as línguas indígenas, ou as línguas românicas, foi o inglês - sozinho, ou em contraste com o português ou outras línguas - que motivou o maior número de trabalhos (5% dos trabalhos com dados de língua natural).⁵ O material românico, ao que tudo indica, não esteve no centro das preocupações dos pesquisadores que publicaram seus trabalhos no GEL.

⁴ Foram elas: Tupi-Guarani, Tapirapi, Tapayuna, Suruí, Kamairú, Kaingang, Pirahã, Pataxó, Wagapi, Suyá, Mundurucu e Nadëb.

⁵ Por uma questão de espaço, omitimos de ora em diante, as referências.

A produção publicada nos Anais esteve, pois, predominantemente voltada para o estudo gramatical da sintaxe e da morfologia do Português; para o estudo da sua variação lexical; para a reflexão sobre a sua problemática de ensino e, para análise dos seus textos e universos de discurso.

Gráfico II



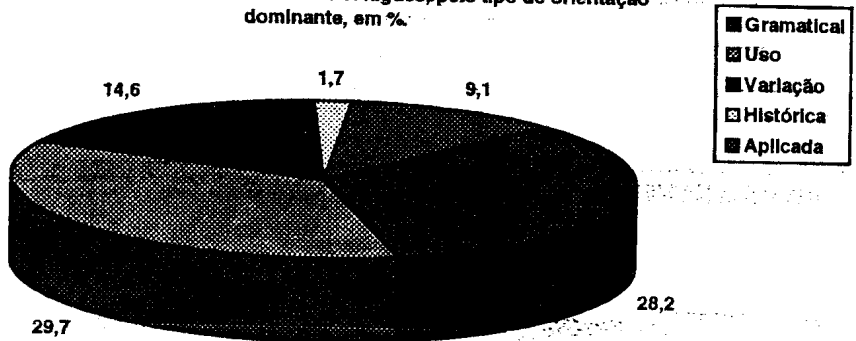
Total considerado: 450 comunicações publicadas.

Do ponto de vista quantitativo, os dados relativos ao estudo do Português no período enfocado (V. Gráficos II e III) reforçam a percepção que se tem sobre a produção lingüística brasileira contemporânea dividida entre a análise *gramatical* da sentença e a análise do *uso* da língua, extra-sentença, em situação discursiva, dialógica e/ou textual. A pequena frequência de trabalhos em fonologia do Português, por sua vez, sugere a tendência mais geral dos pesquisadores em trabalhar com as idéias mais recentes na cronologia da sua disciplina. Quadros teóricos de trabalho mais tradicionais tendem a atrair menos pesquisadores. A mesma tendência pode explicar a pequena ocorrência de trabalhos diacrônicos sobre o Português: das 450 comunicações, apenas 8 (1,7%) foram historicamente orientadas.⁶

⁶ A análise de dados de língua naturais não exclui a orientação teórica. O gráfico, entretanto, exclui as 72 comunicações sobre o Português, de orientação (meta) teórica, de que se tratará no item seguinte.

Gráfico III

Distribuição dos trabalhos sobre o Português, pelo tipo de orientação dominante, em %



Total considerado: 450 comunicações publicadas.

3. Os trabalhos teóricos

A discussão (meta) teórica sobre conceitos, métodos e estatuto da Linguística e suas disciplinas, seguida da reflexão sobre os procedimentos, métodos e técnicas lingüístico-pedagógicos, foram o objeto de teorização mais constante no espaço do GEL, em todos os períodos.

A recorrência de questões (meta)teóricas em todos os níveis de análise refletiu em parte a multiplicidade de abordagens concorrentes no escopo da disciplina Linguística. Neste sentido, foram as teorias do texto mais recentes na cronologia da disciplina as mais freqüentes e as mais controversas. Mais do que os trabalhos que privilegiaram outros níveis tradicionais de análise, os trabalhos que enfocaram unidades de análise além-sentença freqüentemente se encaminharam para a discussão teórica dos fundamentos disciplina. O texto, enquanto objeto de análise lingüística, foi apresentado ora como uma “seqüência coerente de enunciados”; ora como uma “unidade abstrata de significação”, ora como “unidade dialógica”, ora como “manifestação de um tipo de discurso”, ora, ainda, como “fruto de uma ideologia”.

Quanto às teorias lingüístico-pedagógicas, observamos o seguinte movimento. No final da década de setenta, os trabalhos de orientação *aplicada* giraram principalmente em torno dos problemas relativos ao desempenho lingüístico do alunado (redação e leitura de textos) e à proposição do projeto *Português Fundamental*. A reflexão sobre os critérios de avaliação e julgamento de desempenho lingüísticos sofreram, entretanto, uma remotivação a partir de meados dos anos oitenta, quando o centro da reflexão se desviou do desempenho do alunado para o desempenho dos elementos desencadeadores do processo ensino-aprendizagem, tanto de língua materna, quanto de língua estrangeira: os procedimentos utilizados pelo professor e o material

didático utilizado é que passaram a ser o objeto principal da reflexão dos pesquisadores que trabalharam nesta orientação. A reflexão lingüístico pedagógica assimilou, no decorrer dos anos oitenta, as questões propostas pela Lingüística/Gramática Textual e a perspectiva interacional proposta por certas teorias dialógicas da linguagem.

4. Conclusões provisórias

Do ponto de vista, quantitativo, portanto, o conhecimento lingüístico no contexto do GEL privilegiou, no seu conjunto, a análise das formas morfológica e sintática no período 1974-1979. No segundo período, 1980-1985, embora a tradição da análise autônoma dos componentes da sentença não se tenha interrompido, a ela se acrescentou o estudo do léxico e dos componentes da sentença no contexto maior da análise dos textos/discursos, em flagrante evidência no período 1986-1992. Dado que nem todos estes recortes são igualmente admitidos pelas teorias lingüísticas em evidência no período, é de se supor que, ao menos no universo da produção veiculada pelo GEL, co-ocorram e concorram várias concepções de ciência da linguagem e de prática de análise lingüística, todas com igual estatuto de cientificidade. Se adotarmos uma visão kuhniana (v. Kuhn, 1987) destes processos, poderíamos levantar a hipótese que, ao contrário da estrutura de desenvolvimento das ciências físicas e naturais, nas ciências humanas, ou ao menos em Lingüística, os paradigmas científicos, além de serem de uma obsolescência muito mais rápida, não se sucedem ao longo do eixo da sua história, como propõe o autor. Longe de se substituírem uns aos outros, superpõem-se e parecem concomitantemente considerados, todos eles, legítimas formas de produção e formulação do conhecimento lingüístico. Se esta hipótese for sustentável, uma Historiografia da Lingüística não-linear, que procure descrever a simultaneidade de propostas em confronto, será mais adequada do que uma que siga apenas a sucessão cronológica das teorias em evidência em determinados períodos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALTMAN, M.C.F.S. (1994). *Unificação e Diversificação na Ciência da Linguagem. Pesquisa Documental de Produção Lingüística Brasileira Contemporânea (1968-1988)*. Munique: Lincom Europa, em fase de publicação.
- KUHN, Thomas S. (1987). *A Estrutura das Revoluções Científicas*. [Trad. de Beatriz Vianna Boeira e Nelson Boeira do orig. inglês: *The Structure of Scientific Revolutions*, 1962]. São Paulo: Perspectiva. Inclui Pós-fácio de 1970.